

Direitos Humanos

• A Declaração Universal dos Direitos Humanos faz amanhã 50 anos sem que tenha ainda sido possível fazê-la respeitada no mundo inteiro. No entanto, ao longo deste meio século, conseguiu-se ao menos uma coisa: jogar o desrespeito na clandestinidade. Hoje, os assassinos, os torturadores, os seqüestradores se escondem, negam os seus crimes, ocultam a sua prática. No futuro, talvez se crie um tribunal internacional para puni-los.

A Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução, assinada por 120 países, criando o Tribunal Penal Internacional. Levará ainda algum tempo para que seja concretizado, porque os Estados Unidos, o país mais poderoso de todos, aquele que se arroga a prerrogativa de anualmente dar aos demais notas sobre o respeito dos direitos humanos em cada país, se recusou a assinar a resolução. A idéia, no entanto, avança. A prisão do general Pinochet na Inglaterra é um exemplo concreto desse progresso. Como disse uma das suas vítimas: é apenas justo que também Pinochet conheça o sentimento do medo.

Um brasileiro estará no centro das comemorações em Nova York: José Gregori, titular da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que receberá o prêmio que a cada cinco anos a ONU atribui a alguém que se tenha destacado na defesa da Humanidade. É uma recompensa justa a quem dedicou a vida à luta pelos direitos dos seus compatriotas, primeiro na Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, agora como membro de um governo do qual é a única autoridade contestada.

mes: contra camponeses e sindicalistas defensores da reforma agrária. O processo sobre o assassinato de seu pai ainda não foi concluído até hoje, 13 anos após a sua morte. Luiza vive sob a proteção da polícia, a pedido da Comissão de Direitos Humanos da OEA.

Quarta-feira passada, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara reuniu-se para tomar conhecimento de um dossiê, repleto de fotografias dramáticas, sobre 20 casos de torturas e assassinatos praticados por policiais do Estado de Tocantins e ouvir os depoimentos de três torturados e da freira vicentina Leonízia Izabel da Silva, presidente do Centro de Direitos Humanos de Palmas. Também foi ouvido Gerson Camarotti, repórter de "O Estado de S. Paulo", que publicou excelentes reportagens sobre a violência policial no novo estado. A entrevista que fez com o comandante da PM, coronel Napoleão de Souza Sobrinho, retrata um primor de cinismo. O coronel desqualifica as vítimas, desculpa os policiais e atribui as acusações a uma campanha de desmoralização da PM. Sobre as torturas praticadas contra o militante do MST Cícero Gomes da Silva, documentada por fotografias feitas

No mesmo dia, em Paris, o Governo da França homenageia cinco defensores dos direitos humanos de diversas partes do mundo. Win Tin, da Birmânia, preso político; a senhora Barankitse, do Burundi, que protegeu crianças sobreviventes dos massacres praticados tanto por tutsis como por hutus; Muchtar Pakpahan, da Indonésia, um militante sindicalista preso pela polícia de Suharto diversas vezes; Ibrahim Rugova, da Iugoslávia, que luta por uma solução não violenta dos conflitos em Kosovo.

A quinta premiada, representante da América Latina, é a professora brasileira Luiza Canuto de Oliveira Pereira, presidente do Comitê Rio Maria, do Sul do Pará. O pai de Luiza, João Canuto, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Rio Maria, foi assassinado em 1985 por pistoleiros a mando de fazendeiros e, supõe-se, a mando do ex-prefeito Adilson Carvalho Laranjeira. Dois de seus irmãos foram assassinados em 1990 e um terceiro irmão e o marido escaparam de tocaias em 1990 e 1991. Luiza não se deixou intimidar pelos assassinatos e luta contra a impunidade que acoberta os cri-

no Instituto Médico-Legal, diz: "Quem resiste à prisão acaba se machucando. Pode ter havido algum exagero na ação dos policiais mas nada tão grave. Tanto que ele já está bom". Cícero foi preso na rua por sete policiais que bebiam num bar, sem farda, fora do horário de serviço, e, levado para uma fazenda na caminhonete do dono, lá foi torturado. Tem marcas até hoje.

Rigoberta Menchu, índia maia, catequista católica, militante da sua cultura, testemunha da morte de seu irmão, queimado vivo, do assassinato de sua mãe, violada e torturada 15 dias, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1992. Antes de ser morto pelo Exército da Guatemala, seu pai despediu-se da família dizendo: "Filhos, o pai de vocês agora vai ser o povo, porque o povo cuidará de vocês como eu cuido". É essa a crença que faz com que gente como Luiza Canuto encontre forças para lutar.

Rigoberta ganhou, este ano, a homenagem maior da Espanha, o Prêmio Príncipe de Astúrias. Deu então um conselho que a todos nós serve: "Precisamos ser muito exigentes com o futuro".

José Gregori tem muito trabalho pela frente.